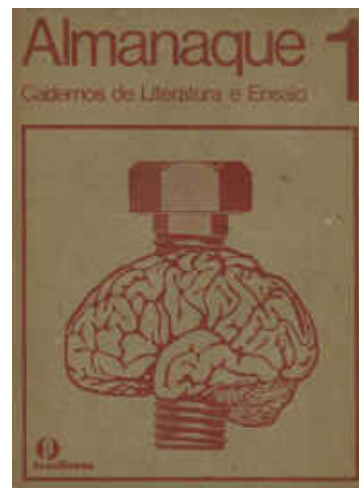
JOGO DE *ALMANAQUE*

Renata Telles[1]

A Editora Brasiliense, de São Paulo, publica *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* durante sete anos (1976-1982), num total de quatorze números. Sua periodicidade não é explicita, nem fixa: 1976 — n. 1 e n. 2; 1977 — n. 3, n. 4 e n. 5; 1978 — n. 6, n. 7 e n. 8; 1979 — n. 9 e n. 10; 1980 — n. 11; 1981 — n. 12 e n. 13; 1982 — n. 14. Este texto é um primeiro exercício de leitura de *Almanaque*, partindo de alguns dados quantitativos preliminares e da análise de um de seus artigos, "Glória precoce: *Almanaque* objeto de tese", e de outros textos da revista aos quais se refere diretamente.

Em todos esses anos, a coordenação geral é sempre de responsabilidade de Walnice Nogueira Galvão e Bento Prado Jr. Mesmo quando Lígia Chiappini Moraes Leite assume a coordenação do n. 11, a coordenação geral está presente. O mesmo acontece com a mesa de redação, que tem a participação constante de Lígia Chiappini Moraes Leite, Rubens Rodrigues Torres Filho, Vera Chalmers, Haquira Osakabe e Michel Lahud. A partir do n. 12, esse grupo recebe o reforço de Teresa Pires Vara, Mary Camargo Neves e Luis Roberto de Salinas Fortes.

As participações mais constantes na revista são do filósofo, poeta, tradutor e membro da redação Rubens Rodrigues Torres Filho, e os artigos assinados pela *Almanaque*. É marcante também a colaboração de um grupo de professores universitários paulistas de literatura e filosofia, que inclui os dois coordenadores gerais e um membro da mesa de redação, formado por Marilena de Souza Chauí, Walnice Nogueira Galvão, Lígia Chiappini Moraes Leite, Roberto Schwarz, Paulo Eduardo Arantes e Bento Prado Jr.

Refletindo o perfil desse grupo, os ensaios acadêmicos representam a grande maioria dos textos da revista (68%), tendo a literatura (28%) e a filosofia (20%) papel de destaque. Analisando porém o total de textos da revista, vemos que a literatura ocupa um lugar privilegiado (43,75% somados os ensaios, os poemas, as ficções e a resenha),

[1] Bolsista de Iniciação Cientifica — CNPq.

a filosofia ocupa um espaço menor (15% somados os ensaios e a resenha), sendo o restante (42,25%) dividido entre os outros 16 assuntos classificados.

Pelo que pude perceber através desses levantamentos preliminares, *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* é uma revista produzida por uma elite da academia paulista, que privilegia suas próprias áreas (literatura e filosofia), e que não depende de publicidade extema, sendo bancada exclusivamente pela editora, de propriedade de um renomado intelectual, Caio Prado Jr., a quem é dedicado o número 4 do periódico, publicando um de seus últimos textos.

Destoando desses ensaios formais, aparecem alguns ensaios satíricos. São textos que permitem várias leituras, que dialogam com inúmeras referências, utilizando constantemente a ironia e a sátira. O perfil acadêmico parece ser balançado, pelo entremeio desses textos, criando a imagem de um grupo de redação e coordenação anárquico, que usa a máscara universitária para alcançar um efeito de verossimilhança para a sua ficção, que pode ser lida, em "Glória precoce: *Almanaque* objeto de tese" [2].

Glória Precoce, de autoria coletiva da revista, é escrito na primeira pessoa do plural, marca de neutralidade, e, numa nota de rodapé, apresenta-se como resenha de uma tese de mestrado, baseada na argüição da Profa. Dra. Lígia Chiappini de Moraes Leite, membro da banca examinadora.

Como toda resenha que se preza a primeira coisa que se faz é apresentar as referências do objeto resenhado: título da tese, data e local, autor, orientador e área de pesquisa. Logo a seguir, uma descrição do conteúdo e de sua organização na tese. No terceiro parágrafo, esclarece-se o objetivo da resenha: destacar o eixo central, as grandes descobertas da tese, conteúdo dos parágrafos seguintes. Termina-se elogiando a tese e colocando algumas perguntas, deixadas em aberto, no último parágrafo. A análise da forma confirma assim tratar-se de uma resenha séria, que preenche todos os requisitos desse tipo de texto, uma dissertação com objetivo claro, desenvolvimento e apreciação final, numa linguagem cheia de esquemas estruturais, isotopias e séries extra-literárias, para acadêmico nenhum botar defeito.

A tese resenhada, *O ecletismo como coerência ideológica num mundo em crise: contribuição para o estudo das revistas de cultura no Brasil*, é um estudo dos três primeiros números de *Almanaque*, e foi defendida na Universidade Reunida Duque de Caxias, em 1978. O autor, o jovem professor Belizário Palermo Filho, foi orientado pelo

[2] *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio*, n. 6, 1978.

professor Bento Prado Jr., na área de História das Idéias Filosófico-Literárias II. A tese, feita com minucioso espírito científico, examina os caracteres externos, organiza o material por autor e assunto, estuda as colaborações através da análise semiológica e da inserção no contexto histórico-social e, apresenta índices e entrevistas, em utilíssimos apêndices. O eixo central destacado é a descoberta de que o periódico é feito através do sistema de disfarces, ou seja, de que os artigos sem importância revelam a linha da publicação. Analisando esses artigos, o jovem professor desvenda a linha teórica, o esquema da publicação e a organização do grupo, numa tese inovadora e original.

Foi indispensável reconhecer que o texto pretendia ser uma resenha, através de uma estratégia baseada em convenções estilísticas estabelecidas, para perceber um caso de ironia, que exige uma leitura um pouco mais profunda. O próprio texto sinaliza que quer ser lido de outra forma, como outro tipo de texto e não como uma resenha séria e acadêmica. São sinais que acenam para um leitor específico, que conhece a linguagem e o meio acadêmico, e que, ao mesmo tempo, sabe reconhecer a crítica a essa mesma academia. Os leitores-modelo de *Almanaque* lêem seu preço como a expressão fiel das intenções elitistas que o animam[3].

É necessário saber que não existe Universidade Reunida Duque de Caxias, que o professor Bento Prado Jr. existe, mas não dá aulas no Rio de Janeiro e sim em São Paulo, e nunca ter ouvido falar em História das Idéias Filosófico-Literárias II nas universidades brasileiras, para começar a desconfiar de uma resenha tão séria. O leitor reconhece a ironia dos utilíssimos apêndices, dos índices organizados por autor e assunto, e da própria estrutura da tese em questão e percebe o deboche no exagero do jargão estruturalista, de ideologemas-chave a $S^1 = L^3$.

A resenha passa então a ser lida como um ensaio que, de uma forma irônica e debochada, reflete sobre o lugar de *Almanaque* no meio acadêmico, como a produção de um grupo de professores universitários paulistas que se coloca contra o discurso de minucioso espírito científico dos estudos das revistas modernistas desenvolvidos pelo I.E.B. e contra o discurso estruturalista dos professores do Rio de Janeiro. O grupo, convencional só na superfície, na realidade é um grupo anárquico.

Entrando no jogo de disfarces proposto pelo ensaio, tirando a máscara dos textos sem importância, encontro uma publicação que não acredita ser possível estabelecer o sentido exato de qualquer dos textos, que desconfia da estilística e ignora

[3] "O jogo de Almaqneu" In: *Almanaque*, n. 3.

sistematicamente a distinção reacionária e careta entre o intencional e o aleatório, embora seja racionalista[4]. São cadernos lítero-especulativos de efeito, não são textos teóricos cada vez mais ralos[5], discursos vazios que seguem uma fórmula fixa de sucessos. *Almanaque* se coloca contra os intelectuais elitistas que transformam a atividade crítica em um jogo de "gênio" e "bosta", e acredita que a imprensa alternativa seja o caminho para um público não tão restrito[6]. Por trás das máscaras o leitor encontra a "verdadeira" *Almanaque*, que foge do cânone elitista, que brinca de se esconder nos disfarces textuais e se revela como uma crítica que não quer ser um objeto limitado ao texto[7], e que através da indústria cultural pretende alcançar o público leitor.

O leitor não se satisfaz com a intenção da obra, e desconfia de um jogo de disfarce tão óbvio, que utiliza a forma de uma resenha para ser lida como um ensaio que marca a posição do grupo no meio acadêmico, acredita que esse é apenas outro disfarce, e continua fazendo perguntas. Que texto é esse que utiliza uma forma para ser lido como outra, que fala sobre si mesmo através do discurso de outros? Por que mostrar ao leitor a posição de *Almanaque*, ao invés de deixá-lo lê-la no decorrer da publicação?

A partir dessas perguntas passei a ler "Glória Precoce" não mais como um ensaio que pensa o lugar deste periódico no meio acadêmico, mas como uma ficção que cria *Almanaque* e seu espaço nesse meio. Uma narrativa do fazer, uma metaficção em que criador e criação se confundem.

O ecletismo como coerência ideológica num mundo em crise, a tese fictícia, é a própria ficção de *Almanaque* que se constrói no diálogo com os discursos com os quais disputa o espaço. Em primeira pessoa, plural porque coletiva, "Glória Precoce" nos fala de um grupo de professores paulistas anti-academicistas, ecléticos, que se colocam contra o positivismo historicista e a análise estruturalista e semiótica, através da paródia desses mesmos discursos. Um grupo que, no final da década de setenta, é representado pelo SUMO (Sumo Comitê de Jogos e Frivolidades de *Almanaque*) e MRDA (Mesa de Redação de *Almanaque*)[8], que se quer livre invenção e que foge da codificação acadêmica. *Almanaque* sai da prisão dos limites do texto e entra na liberdade dos jogos de linguagem, nos quais o significado nunca é fixo. Uma metaficção performativa que

---

[4] Idem. Ibidem.
[5] "Desaparição" In: *Almanaque*, n. 1.
[6] AGUIAR, F. e MORAES LEITE, L. C. "Crítica da razão elitista" In: *Almanaque*, n. 3.
[7] Idem. Ibidem.
[8] "O jogo de Almaqneu" In: *Almanaque*, n. 3.

ao dizer se faz e se instala na disputa pela autoridade e legitimidade no campo intelectual brasileiro, e dentro da própria revista.